

# A AUTOBIOGRAFIA DE VIRIATO CORRÊA COMO FONTE DE PESQUISA: CONSTRUTOS AFETIVOS NA OBRA CAZUZA

## VIRIATO CORRÊA'S AUTOBIOGRAPHY AS A RESEARCH SOURCE: AFFECTIVE CONSTRUCTS IN THE WORK CAZUZA

Erika Maria Albuquerque Sousa **1**  
Solange Santana Guimarães Morais **2**

**Resumo:** Viriato Corrêa é um autor múltiplo que se destaca por muitos caminhos da escrita. Dentre as suas produções de maior destaque temos *Cazuza* (1938), considerado pelos críticos como um dos cânones da literatura infantojuvenil. Narrado em tom memorialístico o autor suscita reflexões (des)confiáveis sobre a perspectiva da autobiografia na obra em questão. É certo que autobiografia não é necessariamente como os fatos ocorreram, pois o exagero, a criação de alguma situação específica é inerente ao ser humano. Nesse sentido, o elemento autobiográfico aqui circunscreve uma atitude de pontuar um tempo decorrido e encerrado como passado e presentificado para o leitor. O presente trabalho, portanto, objetiva investigar as informações autobiográficas encontradas na obra, utilizando-se da autobiografia de Viriato Corrêa como fonte de pesquisa, revelando os construtos afetivos na obra *Cazuza*.

**Palavras-chave:** *Autobiografia. Pesquisa. Viriato Corrêa. Cazuza. Construtos Afetivos.*

**Abstract:** Viriato Corrêa is a multiple author who stands out in many ways of writing. Among his most outstanding productions we have *Cazuza* (1938), considered by critics as one of the canons of children's literature. Narrated in a memoiristic tone, the author raises (un)reliable reflections on the perspective of autobiography in the work in question. It is true that autobiography is not necessarily how the facts occurred, because the exaggeration, the creation of some specific situation is inherent to the human being. In this sense, the autobiographical element here circumscribes an attitude of punctuating an elapsed and closed time as past and present for the reader. The present work, therefore, aims to investigate the autobiographical information found in the work, using the autobiography of Viriato Corrêa as a research source, revealing the affective constructs in the work *Cazuza*.

**Keywords:** *Autobiography. Search. Viriato Correa. Cazuza. Affective Constructs.*

- 
- 1** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (2024 -). Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, campus Caxias. Membro do grupo de pesquisa CNPq: Literatura, Arte e Mídias - LAMID e do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense - NUPLIM/ CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0839125211231662>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0561-8961>. E-mail: [albiteratura@gmail.com](mailto:albiteratura@gmail.com)
  - 2** Possui doutorado em Ciência da Literatura-UEMA/UFRJ (2014), mestrado em Teoria da Literatura-UFPE (2002), especialização em Leitura e produção de texto-PUC/MG(2000). Atualmente é Diretora dos Cursos de Letras do Centro de Estudos Superiores de Caxias, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4146655251417443>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1902-4630>. E-mail: [sogemorais@gmail.com](mailto:sogemorais@gmail.com)

## Introdução

Em *Cazuza*, romance publicado pela primeira vez em 1938, o autor discute temas que vão desde a infância no interior do Maranhão, passando pela educação vigente à época e suas implicações e meio social ao qual estava inserido. Para tanto, coloca-se como narrador em primeira pessoa não só como protagonista da diegese, mas também como seu personagem principal, cuja missão é apresentar as memórias de um menino de escola, que recebe o mesmo nome daquele que protagoniza. O autor não só constrói um enredo em que seu narrador é o personagem principal, como o faz permeado por vários registros de cunho autobiográfico.

Isto posto, levando em consideração essa característica singular da obra, o presente estudo tem a intenção de analisá-la, buscando identificar as possíveis influências que ela pode exercer sobre a compreensão da história do seu autor, Viriato Corrêa; a leitura é, portanto, dividida em três capítulos. O pacto autobiográfico apresenta-se entrelaçado, podendo o autor e o narrador/personagem confundir-se com o protagonista ou permanecer na posição de destinatário da narrativa. Nesse sentido, pretende-se consultar os estudos de Lejeune, segundo os quais “não [teve] de inventar o pacto autobiográfico, uma vez que ele já existia, só [teve] de colecioná-lo, batizá-lo e analisá-lo” (LEJEUNE, 2008, p. 72).

Mediante o exposto, este trabalho apresentar-se-á em cinco tópicos: o primeiro, irá discorrer sobre Viriato Corrêa: vida e obra, apresentando sua autobiografia como fonte de pesquisa; o segundo, apresentará os pressupostos teóricos sobre o que é autobiografia enquanto gênero literário; o terceiro, introduzirá a obra, apresentando as características voltadas para a atuação do narrador/personagem no enredo; o quarto, discorrerá sobre como a cidade e a autobiografia são apresentadas demonstrando os lugares de afetos presentes na obra; como quinto e último tópico: contribuição dos resultados da pesquisa na área do conhecimento.

O presente trabalho é fruto de um projeto de iniciação científica, em andamento, intitulado: *Cenas de meninice: a produção literária infantil do escritor maranhense Viriato Correia*, que tem como objetivo estudar sua obra de maior repercussão: *Cazuza* (1938). Trabalho esse desenvolvido sob fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – MA (FAPEMA).

## Metodologia

Baseou-se, primeiramente, na técnica documentação indireta, pesquisa documental e escrita, de cunho qualitativo, com o propósito de levantar informações sobre o autor, seu estilo literário e suas obras. Através de pesquisas bibliográficas em livros e artigos científicos, percebemos a utilização da produção dos escritos literários de Viriato Corrêa no século XIX para fins científicos. Posteriormente, fez-se a identificação na obra *Cazuza* de fragmentos, imagens, elementos capazes de demonstrar as informações autobiográficas encontradas na obra. É certo que o autor deixou pistas esparsas sobre si mesmo e familiares, mas, com essas evidências, mesmo não sendo igual ao que existiram, algumas possibilidades são significativas quanto à “escrita de si” representadas no texto. Por fim, realizou-se uma viagem à cidade de Pirapemas/MA, nos dias 16 e 17 de julho de 2022, para recolher informações sobre o escritor e sua obra, dando mais fundamentação à pesquisa.

## Viriato Corrêa: vida e obra

Manuel Viriato Corrêa Baima do Lago Filho, ou simplesmente Viriato Corrêa, foi uma figura de destaque no cenário intelectual maranhense, na primeira metade do século XX. Nasce em 1884, na cidade de Pirapemas, Maranhão, filho de Manuel Viriato Corrêa Baima e de Raimunda Silva Baima. Coursou as primeiras letras em uma escola pública, no povoado de Pirapemas, e, ainda criança, aos nove anos, deixou a sua cidade natal para dar continuidade aos estudos primários no colégio São Luís, na capital do Estado. Uma vez concluídos os estudos preparatórios no Liceu Maranhense, mudou-se para Recife-PE, onde frequentou por três anos a Faculdade de Direito,

encantando-se com a vida intelectual que esta lhe proporcionava:

A faculdade de Direito do Recife (...) era, na verdade, um belo núcleo decultura (...). O curso de Direito passou a ser, para mim, coisa de segundo plano. Eu só estudava no fim de cada ano para passar nos exames. No fundo de uma rede, na república, eu devorava livros de literatura insaciavelmente.<sup>1</sup>

Viriato Corrêa confessará, mais tarde, em uma Entrevista a José Conde para o jornal *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 13/08/1961, que, quando chegou ao Recife, tinha a cabeça “encharcada de ‘capa e espada’”, porém teve a sorte de hospedar-se em casa de um livreiro que, ao abrir-lhe a porta de sua biblioteca, deflagrou no jovem uma “revolução”, como o próprio autor gostava de dizer:

Esses três livros [*O missionário*, de Inglês de Souza; *Naná*, de Émile Zola e *O mulato*, de Aluísio de Azevedo] produziram em mim uma completa transformação – viraram-me do avesso. Produziram-me um indiscutível deslumbramento, uma fascinação indescritível. Era uma escola nova, da qual eu não tinha nenhuma idéia – era o naturalismo que na época já dominava o mundo, ao influxo genial de Daudet, Balzac, Zola, Eça... Não sei mesmo descrever o gozo intelectual que a nova escola produziu no meu espírito. [Depois disso] Eu não compreendia arte literária que não fosse o naturalismo.<sup>2</sup>

O escritor maranhense se transferiu para a Faculdade de Direito do Rio, onde fez o 4º e o 5º anos, formando-se bacharel. Fecundado, então, pelo germen da literatura, os planos do jovem Viriato não incluíam seu retorno ao Maranhão. Ele seria mais um, entre tantos outros escritores nordestinos, que acabaria deixando seu estado em direção ao Sul do país, mais especificamente, em direção à cidade do Rio de Janeiro-RJ, então capital do país, que, desde o tempo do Império, era o “destino final” tanto dos “bem-sucedidos, como dos esperançosos aspirantes às glórias literárias e políticas”.<sup>3</sup>

A literatura brasileira estava associada principalmente ao Rio, como centro tanto de sua produção quanto de sua difusão. A capital federal (tal como a Corte já fizera) desempenhou o papel que a maioria das capitais nacionais desempenharam na história literária do século XIX. A pobreza maior das cidades provinciais no Brasil apenas reforçou a força de atração do centro político, social e econômico da nação. Ser aceito como homem de letras significava viver, ou pelo menos, ser publicado, no Rio.<sup>4</sup>

Avisado de que ele iria para o Rio de Janeiro e prevendo as dificuldades enormes que encontraria para ingressar no jornalismo de lá, Fran Paxeco deu-lhe uma carta apresentando-o ao seu amigo Frota Pessoa, crítico literário de cultura e coragem, que trabalhava no Pedagogium, fundado por Medeiros de Albuquerque. “Fran era um português que se dedicava às letras e vivia nos meios literários, a quem Viriato, grande amigo seu, ofereceu o conto “O moiteiro”, saído nos “Minaretes” (PINTO, 1966, p. 47).

Sob o pretexto de terminar o curso jurídico na metrópole, Viriato Corrêa também deixou o Maranhão, no início do século XX, transferindo-se para a Faculdade Nacional, na capital federal, onde se bacharelou. Cumpria-se, assim, o destino de Viriato, vaticinado desde sua infância por uma vizinha que, ao presenciar a avidez com que o menino aprendia as primeiras letras do alfabeto, rabiscadas na areia pelo pai, dizia “em seu pitoresco linguajar de mulher do povo”: “- Qual! Esse

1 Viriato Corrêa, em resposta a um “Inquérito literário” feito por José Conde, publicado no *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1961.

2 Entrevista de Viriato a José Conde para o *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 13/08/1961.

3 NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p.217.

4 NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p.211.

menino não é daqui, é de lá...” E abrindo os braços: é do mundo!”<sup>5</sup>

Ainda perambulando pelas redações, fundou os jornais *Fafazinho*, nome de sua seção da *Gazeta* que tanto êxito obtivera e *A Rua*, que organizou com Peixoto de Castro e que logo se tornou um jornal muito popular. Foi também diretor do jornal *A Noite*, onde assinou por vários anos uma coluna com o pseudônimo de Pequeno Polegar, e colaborador de várias revistas, entre as quais *Careta*, *Kosmos*, *Ilustração Brasileira*, *A Noite Ilustrada*, *Para Todos*, *O Malho* e *Tico-tico*. Em 1941, quando é fundado, sob a direção de Cassiano Ricardo, o jornal *A Manhã*, Viriato redige a coluna diária sobre teatro, que mantém durante anos na seção “*O Rio e suas diversões*”, dividindo a página com escritores como Manuel Bandeira (1886-1968) e Vinícius de Moraes (1913-1980).

Apesar de sua vasta produção e trajetória, destacando-se como jornalista, cronista, advogado, dramaturgo, teatrólogo e político brasileiro, o que consagrou Viriato até os dias atuais foram seus escritos na literatura infantil como: *Histórias de nossas histórias* (1991), *Brasil dos meus avós* (1927), *O país do pau de tinta* (1939), *Cazuza* (1938), *A macacada* (1949), e, *História do Brasil para crianças* (1934). Viriato Corrêa faleceu no Rio de Janeiro, em 10 de abril de 1967.

Uma informação que ganha destaque na biografia de Viriato Corrêa está relacionada a sua vida pessoal, Corrêa sempre se dedicou e acreditou que algum dia faria sucesso, mas para isso ele teve que abdicar de seu primeiro amor, que conhecera ainda quando era criança, ao mudar-se com a família para São Luís. Na escola primária Viriato Corrêa a conhecera, Mundica, que se tornaria o seu primeiro amor. Quando ele precisou mudar-se para o Recife, deixou a noiva na ilha de São Luís, prometendo voltar rico para casar-se com ela, mas Viriato, apesar do sucesso que teve no Rio de Janeiro, não conseguia dinheiro suficiente para levar a noiva para junto dele, e então depois de muito meditar e sofrer amargamente, resolveu ter um gesto que lhe pareceu heroico: “dar liberdade à sua amada. Se ela não pudesse esperar, se visse que estava perdendo tempo, se seu futuro, com ele, lhe parecesse uma nebulosa sem sentido, com pena e com saudade deixava-a livre para resolver como melhor julgasse. O que não cometeria era o crime de trazê-la para as incertezas do seu dia a dia” (PINTO, 1966, p.61). E assim findou-se a sua primeira desilusão amorosa.

Tempos mais tarde, após sair de um período conturbado na política, surge, em seu caminho cheio de desencanto, a figura de uma mulher que seria, por longos anos, seu amor e seu estímulo. Era D. Zulima Martins da Costa, viúva de pouco mais de vinte anos de idade, que muito o impressionou pela vivacidade de espírito, pelo poder de sua vontade e pela segurança de seu caráter forte. Mãe de quatro filhos – um dos quais, Benedito, falecera mal chegaram a São Luís, vindos de Caxias – só tinha que zelar pela filha Raimunda, a Mundica, uma vez que os avós fizeram questão de ficar com o neto, o Genulpho, e, do outro, o José, se encarregara a madrinha, como era hábito no Norte<sup>6</sup>.

Assim, D. Zuca, aos poucos, foi tendo influência decisiva na vida de Viriato. O escritor depositava tanta confiança no bom senso, no espírito crítico de sua mulher, que ela passou a ser, tempo depois, a primeira pessoa a tomar conhecimento de seus escritos. “A colaboração dela se resumia num conselho, numa lembrança, numa advertência. Mas como eram preciosos esses pequenos nada!” (PINTO, 1966, p.71).

## O que é autobiografia?

É a presença do autor como principal personagem – ainda que oculta – que distingue o verdadeiro, o mais puro romance; a mais bela arte é sempre autobiográfica. Adolfo Casais Monteiro “Sobre Eça de Queirós”, Presença 17, dez.1928.

Phillipe Lejeune (1975, p.14), ao definir autobiografia, descreve o termo como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando põe o acento em sua vida individual, particularmente na história de sua personalidade”.

Nessa definição entram em jogo elementos pertencentes a quatro categorias diferentes:

5 “Gente grande fala ao Calunga”. Diário de notícias. Rio de Janeiro, 05/05/1960.

6 Maranhão e Piauí - que atualmente fazem parte da região Nordeste - foram incluídos na região Norte, junto com o território do Acre e os estados do Amazonas e do Pará. In: [http://www.geografiaparatos.com.br/index.php?pag=sl26#:~:text=Maranh%C3%A3o%20e%20Piau%C3%AD%20%2D%2D%20que,do%20Amazonas%20e%20do%20Par%C3%A1](http://www.geografiaparatos.com.br/index.php?pag=sl26#:~:text=Maranh%C3%A3o%20e%20Piau%C3%AD%20%2D%2D%20que,do%20Amazonas%20e%20do%20Par%C3%A1.). Acesso em: 01 ago. 2022.

A primeira trata da forma da linguagem: a) narrativa; b) em prosa. A segunda: vida individual, história de uma personalidade. A terceira, situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador. A quarta, a posição do narrador: a) identidade do narrador e do personagem principal; b) perspectiva retrospectiva da narrativa.

Dessa forma, para Phillippe Lejeune (1975), é uma autobiografia toda obra que preenche ao mesmo tempo as condições indicadas em cada uma dessas categorias. Para Sena (1997), a autobiografia é uma representação de acontecimentos baseada na memória, no próprio ato de recordar que adquire forma e sentido por meio da escrita, ocorre uma aproximação entre vivido (o passado) e o ato de descrevê-lo (o presente).

Gusdorf (1991) defende que a narrativa autobiográfica não se limita à narração exata dos fatos, ao contrário: preocupa-se em revelar o sentido de uma vida, na plenitude de sua permanente atualidade. A Autobiografia, enquanto gênero ou subgênero da escrita literária, é uma forma híbrida de expressão, porque essencialmente destinada ao registro de fatos tidos como verídicos; ela pode ser um discurso documental, testemunhal ou ficcional (JOSEF, 1998, p.295). De qualquer forma, o que marca o eu do texto autobiográfico é seu caráter “real”, segundo o desejo do escritor de “oferecer um retrato do seu ego (civil, autêntico) e não de um ‘eu’ imaginário, em que se transformasse ou que constituísse o eixo de suas projeções (MOISÉS, 1994, p.163).

Para Klinger (2006), na definição de autobiografia de Philippe Lejeune, o que diferencia a ficção da autobiografia não é a relação que existe entre os acontecimentos da vida e da sua transcrição no texto, mas o pacto implícito ou explícito que o autor estabelece com o leitor, através de vários indicadores presentes na publicação do texto, que determina seu modo de leitura. Assim, a consideração de um texto como autobiografia ou ficção é independente do seu grau de elaboração estilística: ela depende de que o pacto estabelecido seja “ficcional” ou “referencial”.

A Autobiografia, pois, também é apresentada - como rememoração do passado com a finalidade de organizá-lo - representa recurso perfeito à verossimilhança da obra. Em uma autobiografia ou diário, o narrador deve, necessariamente, ser o protagonista. (RAMOS, 2010, p.73). Mediante o estudo das teorias supracitadas, pode-se compreender a obra *Cazuza* como pertencente aos romances do gênero, cujo propósito é a formação do leitor mediada pela formação do protagonista, o que Delory-Momberger (2019) denominará de heterobiografização, conceito criado para dar conta dos efeitos de compreensão e de formação de si mesmo pela leitura ou escuta da experiência alheia da qual a pessoa que lê se apropria como se fosse sua.

Assim, para Lira e Passeggi (2021), autobiografização e heterobiografização convergem, portanto, para um ponto comum: a formação de quem narra a experiência vivida e de quem lê a experiência narrada por outrem, respectivamente. No primeiro caso, a reflexão se faz sobre a própria experiência no ato de narrar; no segundo, pela mediação da narrativa contada por alguém. Nos dois casos, a obra autobiográfica de Corrêa e o romance de formação por ele criado, *Cazuza*, são protótipos para a compreensão da formação humana mediante as narrativas.

## **Autobiografia e construção do narrador em Cazuza**

Para Klinger (2006, p.9), segundo o conceito de Lejeune, o “espaço autobiográfico” compreende o conjunto de todos os dados que circulam ao redor da ideia do autor: suas memórias e biografias, seus (auto) retratos e suas declarações sobre sua própria obra ficcional. Em um sentido geral, todo texto de ficção participa do espaço autobiográfico, a ficção em primeira pessoa analisada neste trabalho e com traços autobiográficos ocupa aí um lugar de destaque: estabelece o que Lejeune chama de “pactos indiretos”, pois o autor, por meio de alguma indicação, os dá a ler indiretamente como “fantasmas reveladores do indivíduo” (KLINGER, 2006).

Em *Cazuza*, o narrador possui vários traços da biografia do autor, fato que o crítico literário Múcio Leão salientou sobre a importância de *Cazuza* na obra e vida de Viriato Corrêa, afirmando que a obra era “uma suave autobiografia encerrando a pureza, a poesia idílica da primeira infância do autor não sendo possível lê-la sem sentir nos olhos o calor das lágrimas da emoção e da ternura”.

Viriato afirma que nutria por *Cazuza* um carinho especial, pois o protagonista era um retrato de sua meninice, no Maranhão, fato que pode ser comprovado porque a obra vem à luz somente



em 1938, tendo consumido dez anos de trabalho de seu autor, que nunca se dava por satisfeito com o resultado: “Tudo porque eu queria fazer de Cazuza, o personagem principal, um garoto igual a muitos outros. Um dia, finalmente acertei e depois de parar um pouco para pensar, cheguei à conclusão de que Cazuza sou eu, nos meus tempos de criança”.<sup>7</sup>

Italo Calvino (1993), ao discorrer sobre os livros considerados clássicos e a importância de sua leitura, explica que o que torna uma obra clássica é seu efeito de ressonância numa cultura - e isso se aplicaria tanto para obras modernas quanto para as antigas. Os livros clássicos seriam, então, aqueles que “exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 1993, p.11). E as constantes reedições de *Cazuza* podem comprovar essa ressonância (PENTEADO, 2001).

Segundo o historiador Robert Darnton (1988, p. 34),

O narrador procede como se caminhasse por uma estrada bem conhecida. Pode desviar-se aqui, para fazer uma pausa, ou ali, para uma vista, mas sempre permanece em terreno familiar (...). Cria seu texto ao narrá-lo, escolhendo novos caminhos através dos velhos temas.

Considerando o trecho supracitado, pode-se inferir que Viriato Corrêa, ao criar o personagem Cazuza com tanto esmero, caminha por uma estrada que ele conhecia bem, qual seja: Pirapemas/MA, lugar central que atua como mote da história; embora o autor desvie-se de registrar os fatos tal como aconteceu em sua infância, ele permanece em terreno familiar, pois cria seu texto ao narrá-lo, escolhendo novos caminhos através dos velhos temas, recorrendo sempre às suas reminiscências para preservar tanto a memória individual como a memória coletiva daqueles que o lessem.

Diante disso, o enredo da obra *Cazuza*, inicia-se com o relato explicativo, que irá justificar o título do romance e sobre como tudo aconteceu:

Um dia, o homem bateu à minha porta, pedindo-me cinco minutos de atenção. Entrou, abriu a pasta, tirou de dentro um grosso maço de manuscrito e disse-me: São minhas histórias dos tempos de menino. O senhor, que escreve, veja se isto presta para alguma coisa (CORRÊA, 2011, p.8).

Observa-se no trecho supracitado um narrador, em primeira pessoa, humilde, que entrega um caderno de memórias dos seus tempos de menino ao seu vizinho, questionando-o se isso prestava para alguma coisa, uma vez que o outro escrevia. Uma interpretação para Corrêa iniciar seu livro assim, poder-se-ia justificar-se pelo fato de em 1903 ter saído no Maranhão o seu primeiro livro de contos, *Minarettes*, marcando o aparecimento de Viriato Corrêa como escritor. O livro, no entanto, não agradou a João Ribeiro, que descarregou contra ele toda a sua crítica. Considerou afetado o título, proveniente do árabe, porque uma mesquita não tem nada em comum com contos sertanejos, que foram o tema da obra.<sup>8</sup> Por conta da má recepção de sua primeira obra, acredita-se que Corrêa utiliza-se do prólogo, na obra *Cazuza*, para se apresentar mais humilde diante da sociedade literata.

Assim, a partir do primeiro capítulo, deparamo-nos com um narrador-personagem que se utiliza de suas reminiscências para narrar os seus tempos de escolas, juntamente com tais experiências temos contato com a cultura maranhense, pessoas que foram marcantes em seu processo de amadurecimento, a religiosidade, dentre outros.

Walter Benjamin, ao se apegar à reminiscência, de forma contundente, se preocupava com a problemática das narrativas, uma vez que se relaciona com a transmissibilidade de uma experiência e com o reconhecimento de um encontro marcado entre gerações. A partir daí a arte de narrar encontrar-se em um terreno infértil, pois:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo

7 “Viriato vai ver sua ‘História da Liberdade’ no samba do Salgueiro”. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 19/08/1966.

8 Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/viriato-correia/biografia>. Acesso em 04 jul. 2022.

de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012, p.213).

Conforme o trecho acima pode-se afirmar que Corrêa através de seu narrador-personagem cumpre a faculdade de intercambiar experiências ao descrever com fidedignidade a hospitalidade como um dever religioso, no interior do Nordeste, conforme descreve:

Ao se despedirem apertavam a mão de minha mãe. Apertavam a mão de meu pai, dizendo-lhes “obrigado” e nada mais. É que nada mais lhes era permitido. No sertão do Brasil, quem perguntar o preço da hospedagem ofende aquele que a deu. A hospitalidade por lá é uma religião, e ninguém se furta a um dever religioso (CORRÊA, 2011, p.19).

Pinto (1966, p.21) descreve como esse dever religioso de hospedagem é típico do Maranhão, verificado em *Cazuza (1938)*, tem caráter processual, como defendido por Hall (1999), ao afirmar que, para outrem, seria perfeitamente natural, já para os sertanejos maranhenses seria qualquer coisa profundamente ofensiva, pois tanto no romance como na vida real, hospedar alguém é um dever pago com simpatia:

Talvez por isso tudo, toda gente que vinha tomar o gaiola, hospedava-se na Casa Grande. Como a passagem dos barcos não obedecia a horário rígido, muita vez, famílias inteiras ficavam ali alojadas uma semana, 15 dias, comendo, bebendo, na mais santa das tranquilidades. O barco chegava, agradeciam com efusão e partiam sem perguntar aos hospedeiros quanto deviam porque, tal pergunta que, para outrem, seria perfeitamente natural, para estes era qualquer coisa profundamente ofensiva (PINTO, 1966, p.21).

Hércules Pinto em seu livro *Viriato Corrêa* (a modo de biografia), publicado em 1966, decide fazer uma homenagem ao seu amigo Viriato, pois, como era amigo da família, sentiu a necessidade de contar a história de seu admirável amigo, Corrêa. Desse modo, ao se traçar um estudo comparativo entre o livro de Pinto e a obra *Cazuza*, podemos encontrar muitos traços autobiográficos de Viriato Corrêa, como o trecho acima, que destaca o dever religioso de recepcionar os visitantes; bem como a casa grande, que era a casa dos pais do autor e que na obra ele preserva a lembrança ao descrevê-la como a casa de Cazuza: “a melhor casa de telha era a da minha família, com muitos quartos e largo avarandado na frente e atrás. Chamavam-lhe a casa-grande, por ser realmente a maior do povoado” (CORRÊA, 2011, p.17). Dessa maneira, a voz narrativa em primeira pessoa leva o leitor a projetar na tela mental a imagem do pequeno Cazuza.

O pacto está selado ao encontramos na biografia de Viriato fatos que coincidem com o relato do personagem *Cazuza*, uma vez que vida e obra começam a andar de mãos dadas e assim traçam um paralelo entre o real e a ficção. G. Hercules Pinto em seu livro *Viriato Corrêa* (em forma de biografia) publicado em 1966, ratifica o trecho supracitado ao descrever a casa dos pais de Viriato como “a casa grande, imensa, rodeada de varanda, com enormes e inúmeros quartos, coberta de telha, acolhia tudo que aportasse em Pirapemas (...) Aliás, as únicas casas cobertas de telhas de Pirapemas, eram do capitão Manoel Viriato” (PINTO, 1966, p.15).

O pai de Viriato, embora aparecendo no romance como uma personagem secundária, merece ser destacado, pois o capitão Manoel Viriato, nascido ali mesmo, a 7 de setembro de 1848, era o centro em torno de quem giravam todos os interesses, os múltiplos problemas do lugarejo. Era, segundo Pinto, o elemento aglutinante das vontades e dos desejos da população. Era o homem rico daquelas paragens.

Outro trecho em que é possível estabelecer um paralelo entre vida e obra é quando o autor-personagem tenta descrever o motivo que levou sua família a deixar o povoado em que eles moravam e viram nascer os seus primeiros filhos; por ele ser muito pequeno, não se recordava ou não compreendia ao certo a motivação da migração campo-cidade sofrida:

Nunca pude saber, ao certo, o motivo que levava minha família a deixar o povoado em que meu pai nascera e vira nascer os seus primeiros filhos. Mas não foi somente porque a escola da vila fosse melhor do que a da povoação (CORRÊA, 2001, p.82).

Na obra não é possível encontrarmos uma resposta para esse enigma, mas na autobiografia, sim. Pinto nos ajuda a esclarecer essa passagem do livro ao lembrar que o pai de Viriato, capitão Manoel Viriato, passou mal e acabou falecendo no dia 20 de fevereiro de 1892, quando tinha 41 anos de idade. “Seu passamento foi a morte da alegria de Pirapemas” (PINTO, 1966, p.28), e por conta dessa fatalidade, a mãe de Viriato, D. Mundica, não conseguia administrar a casa grande com o mesmo vigor do marido. A saudade e o vazio que o esposo deixou foi o suficiente para levar a família a deixar o povoado:

Um dia, d. Mundica, sem querer, deu um tiro de misericórdia naquilo tudo. Sentindo não ser mais possível viver ali, resolveu acabar com os negócios e transferir sua residência para S. Luís. A família partiu e todas as propriedades que, na época, foram avaliadas em 200 contos, ficaram abandonadas à sua sorte (...) (PINTO, 1966, p.30).

Outro ponto interessante a se ressaltar é o lugar onde a história se desenrola, pois Viriato Corrêa nasceu em Pirapemas/Maranhão e o primeiro capítulo de *Cazuza*, desenrola-se justamente no mesmo local, reforçando o pacto autobiográfico presente. Assim, o narrador irá apresentar seu local de nascimento como:

Um dos lugarejos mais pequenos, mais pobres e mais humildes do mundo. Ficava à margem do Itapicuru, no Maranhão, no alto da ribanceira do rio. Uma ruazinha apenas, com vinte ou trinta casas, algumas palhoças espalhadas pelos arredores e nada mais. Nem igreja, nem farmácia, nem vigário. De civilização, a escola, apenas. A rua e os caminhos tinham mais bichos do que gente. Criava-se tudo à solta: as galinhas, os porcos, as cabras, os carneiros e os bois (CORRÊA, 2011, p.17).

Viriato Corrêa também preserva em sua obra memorialística a migração campo-cidade sofrida por ele, quando ainda era uma criança precisou deixar a cidade natal para fazer cursos primário e secundário em São Luís do Maranhão. Utilizando essa experiência como mote ele consegue desenrolar todo o enredo de *Cazuza*. Pois a primeira parte da narrativa inicia-se no Povoado de Pirapemas e por conta de ordens financeiras, os pais do protagonista precisam deixar o povoado para migrarem para a Vila do Coroatá, o que iremos descobrir com a biografia de Viriato que, na verdade, a família se muda para São Luís por conta do falecimento do pai de autor.

Destarte, ao recorrer a suas memórias, Corrêa toma o cuidado de alterar o nome dos locais, ao trocar São Luís por Coroatá, no segundo capítulo do livro, mas que não escapou ao terceiro e último capítulo, pois é quando *Cazuza* muda-se para a capital do Maranhão, assim como seu criador, para concluir os textos primários na capital. Portanto, se a memória fosse a conservação completa do passado em uma “cópia interior” daquele, tudo estaria resolvido. Mas não existe essa duplicata, porquanto os afetos, a linguagem, a atuação e principalmente a imaginação (que é feita do mesmo substrato) são fatores responsáveis pela seleção, definição e significação do passado.

Segundo Bakhtin (1981, p. 169), a vida do “eu”, constituída pelas narrativas dos “outros”, “seria, não só incompleta em seu conteúdo, mas também internamente desordenada, desprovida dos valores que asseguram a unidade biográfica”. Fato esse que, também, pode ratificar a tese defendida sobre o pacto autobiográfico presente na obra em questão.

Portanto, conforme Hall (1999) a identidade surge não tanto da plenitude de uma identidade que possa existir dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros indivíduos.

Ao se tentar traçar esse processo de busca identitária entre a obra *Cazuza* e a vida de seu



autor, Viriato Corrêa, buscou-se analisar como tudo o que é visto é direcionado pelo modo e pelo lugar de onde o fato é visto. Isto porque o lugar do sujeito pontua culturalmente um olhar, um modo de pensar.

## A cidade e a autobiografia

O Itapecuru é um dos caminhos precários por onde circula a riqueza morfina do Estado. Pirapemas está lá dentro, à beira e a margem da Estrada de Ferro S. Luís-Teresina, sozinha, quase sem ninguém. Como marco de um povoado, construíram uma estaçãozinha de embarque e desembarque onde, à falta de trem, os mosquitos dos rios e dos alagadiços fazem suas serenadas nas noites quietas (PINTO, 1966, p.11).

E foi em Pirapemas, em uma quarta-feira de chuva, a 23 de janeiro de 1882, que nasceu Manoel Viriato Corrêa Bayma do Lago, o jornalista, o professor, o teatrólogo, o escritor que todo Brasil lê e admira. Mas, Pirapemas, para sua honra e glória, não deu à grande pátria apenas Viriato Corrêa, antes dele, a 22 de março de 1812, o povoado humilde – na época, freguesia de Itapecuru-mirim – via nascer João Francisco Lisboa, que viria a ser um dos maiores jornalistas brasileiros, além de grande historiador e publicista (PINTO, 1966).

“Pirapemas, durante toda sua vida medíocre, viu-se infelicitada pelo abandono dos governos. Sempre foi pequena, sempre foi pobre, foi sempre a enjeitada” (PINTO, 1966, p.13). Pousada na ribanceira do Itapecuru, ali, há séculos olhando o rio correr a seus pés, medita e sofre a desgraça de ser do Maranhão. Não é uma cidade, uma vila não é. É um pobre povoado sem dono e sem destino. Está ali jogada, quase sem ninguém, à espera nem sabe de que (PINTO, 1966). E foi neste lugarejo que o nosso escritor, Viriato Corrêa, escolheu para se desenrolar a sua história. *Cazuza* desde a sua primeira edição em 1938, vem encantando leitores das mais diferentes idades, pois Corrêa ao recorrer as suas lembranças consegue preservar o lugar identitário, convidando o seu leitor para conhecer a sua Pirapemas dos seus tempos de menino.

Em *A memória, a história e esquecimento* (2012, p. 156), Paul Ricoeur faz referência a um espaço vivido que se articula junto a um tempo vivido na memória: “é em conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva”. Desta maneira, Pirapemas, é uma cidade que faz parte de outra época, mas que permanece na memória.

Para Júnior e Vargas (2015) no manusear da palavra, o escritor literário dá forma a algo que só é perceptível fora do texto, e o faz com uma intenção estética. O olhar literário exercita sua sensibilidade e dá materialidade ao imaginário por meio da forma linguística, condição para a realização do pensamento. “O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores” (PESAVENTO, 1999, p. 10).

Diante disso, e cumprindo uma das etapas do plano de trabalho “autobiografia na obra *Cazuza*”, foi realizada a viagem à cidade de Pirapemas/MA, para recolher informações sobre o escritor e sua obra, dando mais fundamentação à pesquisa, o que resultou em muitas comprovações autobiográficas presentes na obra. Dentre elas, encontra-se, na fotografia abaixo (Fig. 1), uma imagem que comprova o local em que *Cazuza* descreve como era o povoado em que ele vivia.

**Figura 1.** Lugar em que se situava a casa de Viriato Corrêa em Pirapemas/MA



**Fonte:** Acervo pessoal da bolsista (2022).

Na fotografia acima, temos: Senhor Sebastião, morador de Pirapemas que nos ajudou a localizar os locais da cidade; Erika Maria Albuquerque Sousa; Valéria de Carvalho Santos; Profa. Dra. Solange Santana Guimarães Moraes e Prof. Me. Francinaldo de Jesus Moraes.

Conforme afirma Bauman (2011, p.32), os locais vão “seguindo seus próprios itinerários, o lugar fica como era antes de sua chegada, sem ser afetado pelos ocupantes anteriores e esperando por outros no futuro”. Como descreve Cazusa em suas recordações do povoado: “Uma ruazinha apenas, com vinte ou trinta casas algumas palhoças espalhadas pelos arredores e nada mais. Nem igreja, nem farmácia, nem vigário. De civilização, a escola, apenas” (CORRÊA, 2011, p.17). Descrição que ratifica o pensamento de Bauman supracitado e apresenta uma denúncia das condições sociais presentes no século XIX, que permeiam o interior do Maranhão até os dias atuais.

A seguir, (Fig.2), pôde-se verificar o local preservado por Viriato Corrêa em sua obra, bem como analisar como a cidade de Pirapemas reconhece o autor. Na imagem, observa-se uma avenida que leva o nome do escritor Viriato Corrêa, como forma de homenagem aos grandes feitos que ele realizou, ao representar sua cidade natal. Ainda na imagem abaixo, temos uma escola de ensino primário que também leva o nome do escritor de *Cazuza*.

**Figura 2.** U.E. Viriato Corrêa em Pirapemas/MA



**Fonte:** Acervo pessoal da bolsista (2022).

Como enfatiza Sandra Pesavento (1999, p. 9-10), “a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares” e, nesse sentido, a literatura nos traz um discurso incomum do espaço urbano, “capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens às sociabilidades que nesse espaço tem lugar”. Nesses termos, não há dúvidas de que a referida obra é um objeto de significativo interesse para a História Cultural.

Outra informação autobiográfica presente na obra que se pôde verificar trata-se do “porto insinificante” (CORRÊA, 2011, p.18), descrito por Cazusa:

**Figura 3.** Rio Itapecurú em Pirepemas/MA



**Fonte:** Acervo pessoal da bolsista (2022).

Conforme descreve Cazusa, era nesse lugar que “os gaiolas (vaporesinhos de roda que faziam a navegação do rio) paravam no povoado para se abastecer de lenha e para embarcar e desembarcar mercadorias e passageiros” (CORRÊA, 2011, p.18). E continua afirmando: “não sei por que os fazendeiros do sertão, quando tinham que tomar passagem para a capital, preferiam aquele porto insignificante. Rara era a semana em que não chegavam gente de fora à povoação” (CORRÊA, 2011, p.18).

Assim, verificamos por meio dos estudos da obra e do livro de G. Hérculos Pinto que o centro econômico da cidade de Pirapemas era onde estava situada a casa do Capitão Manoel Viriato Corrêa, mas que após a morte do pai de Viriato o povo de Pirapemas, que antes fitava aquelas casas enormes com saudade dos bons tempos proporcionados por seus donos, foi sentindo “um medo inexplicável ao fixar suas ruínas sossegadas” (PINTO, 1966, p.31). E o temor sem sentindo foi tomando conta daquele povo simples até que, aos poucos, foi sendo feita a mudança do centro de Pirapemas para o local onde, hoje, está a estação da Estrada de Ferro.

**Figura 4.** Estação Ferroviária de Pirapemas/MA



**Fonte:** Acervo pessoal da bolsista (2022).

Augé (2010, p.33) diz que “O mundo da supermodernidade não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar o espaço”. Diante disso, ainda que os moradores de Pirapemas não estivessem presentes no momento inicial do relato descritivo de Cazusa, as impressões conseguiram ser apresentadas, pois embora a vivência tivesse sido coletiva, os lugares do enredo conseguem se manter preservados por meio da memória e das reminiscências do personagem, visto que “nossas lembranças permanecem coletivas” e são carregadas de detalhes, se perpetuando materialmente na consciência individual de cada ser humano. Jacques Le Goff (1996), ao relacionar a memória



ao conceito de identidade, define que a memória seria “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1996, p. 476).

## Contribuição dos resultados da pesquisa na área do conhecimento

Todos aqueles que problematizam o conceito de identidade são, com frequência, sujeitos à crítica de que ao tentar escapar do relativismo, acabam se submetendo a uma espécie de essencialismo estratégico, entendendo por esse termo a tese de que, não obstante a sua precariedade ontológica, certas identidades atendem a metas ideológico-políticas interessantes e, portanto, devem ser cultivadas. Por este motivo, acreditamos que ao estudar a autobiografia na obra *Cazuza*, deparamo-nos com conhecimentos históricos e sociais, além de tomar conhecimento sobre a importância de Viriato Corrêa dentro dos estudos literários e culturais. Por meio, da pesquisa, percebeu-se como o autor conseguiu preservar suas raízes, apresentando nas entrelinhas de seu romance uma Pirapemas que guarda muito de sua meninice, todavia, ela, a cidade, não reconhece o autor magistral que é fruto de suas terras. Pelas vias da historicidade, pôde-se comprovar também que o pai de Viriato, capitão Manoel Viriato, também é incluído no rol do esquecimento pelos moradores da cidade. Um morador que, outrora, tanto contribuiu para o desenvolvimento e sustento daquela povoação, hoje, jaz, em um cemitério abandonado e sem os cuidados da população. Esquecido tanto da memória individual como da memória coletiva.

**Figura 5.** Visita ao túmulo do Capitão Manoel Viriato Corrêa Bayma em Pirapemas/MA



**Fonte:** Acervo pessoal da bolsista (2022).

Na fotografia acima (Fig. 5), podemos comprovar a visita ao túmulo do Capitão Manoel Viriato Corrêa Bayma e ratificar a situação em que o local se encontra. Para além disso, pôde-se comprovar os trechos que são descritos na obra *Cazuza*, como realmente autobiográficos, uma vez que a casa do protagonista se situa no mesmo local em que habitava Viriato Corrêa quando criança. Pesquisas como essa, são de grande importância porque colabora não só com os estudos literários dentro da academia, mas também trazem à luz questões históricas e identitárias. Pois quando uma população valoriza seus artistas e escritores, toda a cidade modifica-se. Pirapemas pode tornar-se um centro de pesquisas sobre a vida e a obra de Viriato Corrêa, despertando o interesse de muitos outros pesquisadores que também se interessam pelos escritos do autor.

## Considerações Finais

À guisa de conclusão, compreende-se que as memórias individuais se esvaem com a morte de seus portadores, restando para a história, recursos que devem sobreviver por gerações, só concebíveis em uma “memória coletiva”, onde o termo memória adquire um sentido necessariamente distinto. Para Ricoeur (2007), a fenomenologia da memória deve dar conta de nada menos do que o “enigma da memória”.

Dessa maneira, ainda que exista o pacto autobiográfico no romance *Cazuza*, não podemos afirmar que Viriato Corrêa, seu criador, seja o mesmo personagem narrador, porque o autor-narrador adquire personalidade na obra, quando é apresentado na diegese como um “ser” em processo de formação, ainda que essa apropriação da memória seja do seu autor, estaríamos diante então, do que ratifica Ricoeur, como enigma da memória, pois não sabemos quão verdadeiramente são as reminiscências vivenciadas pelo autor ao escrever o romance e se criar os personagens.

Nesse sentido, segundo as pesquisas de Sousa e Morais (2022) a obra *Cazuza* apresenta diversas temáticas que vão desde a Literatura infantil à cultura maranhense, agregando-lhe valor cultural, histórico e social, pois além de retratar os costumes e tradição de um povo, insere-o em um contexto de aparente inovação de uma determinada época, utilizando-se do contexto educacional para tecer suas críticas. Estabelecendo, ainda, por meio do desvio autobiográfico situações que deixam margem para interpretações, como se compararmos o fato de Viriato Corrêa quando infante também ter vivenciado o processo migratório campo-cidade, e concluir seus estudos na capital do Maranhão, São Luís, com a coincidência do menino Cazuza, também concluir seus estudos na capital. Com uma linguagem simples, o autor utiliza-se da autobiografia e suas memórias para passear por um período e nos apresentar aspectos relevantes para uma época, um povo e uma cultura.

## Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981).

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. 2ª. Edição - São Paulo: ibep jovem, 2011.

DARNTON, Robert. **O Grande massacre de gatos - e outros episódios da cultura francesa**. 2a ed. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELORY-MOMBERGER, Christine (Org.). **Vocabulaire des histoires de vie et de recherche biographique**. Toulouse: Érès, 2019.

EINSTEIN, Albert. **Notas autobiográficas**. Tradução Auly Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.



- GUSDORF, Georges. **Les écritures du moi**. Lignes de vie 1. Paris: Odile Jacob, 1991.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JOSEF, Bella. "(Auto)biografia": os territórios da memória e da história. In: LEENHARD, J.; PESAVENTO, S. J. (ed.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Ed.Unicamp, 1998, p.295-308.
- JÚNIOR, Cláudio de Sá Machado; VARGAS, Simone Luciano. Narrativa autobiográfica e cidade: práticas de escrita e performances da memória na obra de Tatiana Belinky (São Paulo/Rio de Janeiro, anos 1930). **MOUSEION**, Canoas, n.20, abr. 2015. ISSN (1981-7207).
- KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. 2006. 206 f. Tese (Doutorado em Letras: Literatura Comparada). Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LIRA, André Augusto Diniz; PASSEGGI, Maria da Conceição. Autobiografia e formação humana: refletindo com Goethe. **Pontos de interrogação revista de crítica cultural**, v. 11 n. 2, p. 113-136, 2021. DOI: 10.30620/pdi. V.11n2.p113.
- NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BUSATO, Susanna; AMORIM, Orlando Nunes de (Orgs.). **Literaturas e representações do eu**: impressões autobiográficas. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa II. 15.ed.rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 1994.
- PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. Literatura de formação e cidadania nos anos 1930: Cazusa de Viriato Corrêa. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação, [S. l.]**, v. 4, n. 2, 2002. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs3/index.php/quaestio/article/view/1382>. Acesso em: 3 maio 2022.
- PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade - visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- PINTO, G. Hércules. **Viriato Corrêa a modo de biografia**. Rio de Janeiro: Editora alba limitada, 1966.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- SENA, Jorge de. **Os grão-capitães**: uma sequência de contos. 5.ed. Lisboa: Edições 70, 1989.
- SOUSA, Erika Maria Albuquerque; MORAIS, Solange Santana Guimarães. O desvio autobiográfico em Cazusa: infância, educação e cultura. In: DUTRA, R. M. M.; RODRIGUES, P. R. E. (Orgs.). **Tópicos sobre Infância e Educação**: políticas, história e cultura. Tutoia/MA: Diálogos, 2022. DOI: <https://doi.org/10.52788/9786589932420>

Recebido em 08 de setembro de 2022.

Aceito em 11 de julho de 2023.